



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA- UniCEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

BRUNO REIS BERNARDO COBUCCI

PSICOTERAPIA E DIÁLOGO COMO PROCESSOS SUBJETIVOS:
UM ESTUDO QUALITATIVO

BRASÍLIA

2020



BRUNO REIS BERNARDO COBUCCI

**PSICOTERAPIA E DIÁLOGO COMO PROCESSOS SUBJETIVOS:
UM ESTUDO QUALITATIVO**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Valéria Deusdará Mori

BRASÍLIA

2020

Dedicatória

Dedico este trabalho ao Brasil e ao povo brasileiro, na luta pela construção de um país melhor e mais justo. Também dedico este trabalho à memória de Fernando González Rey, e sua imensa contribuição à psicologia brasileira.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais queridos, Renata e Fernando, e à minha madrasta, Roseane, que antes de tudo me deram oportunidade à vida, à educação, e a tudo que sou hoje.

Agradeço à minha orientadora Valéria, que acreditou em mim e me incentivou desde o começo a pesquisar, além de ter me guiado com carinho nessa trajetória ao longo dos últimos dois anos, enchendo-me de oportunidades e aprendizados.

Agradeço à Graça, que como avó do coração é parte fundamental da minha existência. A Graça atravessa de alguma forma todas as linhas e palavras dessa pesquisa, assim como de todos os outros trabalhos que virão. Agradecendo também aos seus familiares, companheiros queridos da jornada da vida: Aline, André, Geo e Lu.

Agradeço às participantes do trabalho, que muito atenciosas e carinhosas me deram oportunidade de avançar nessa jornada.

Agradeço ao professor Daniel Goulart, pelas infinitas oportunidades e aprendizados imensuravelmente valiosos. Agradeço aos demais professores e à coordenação do curso de Psicologia do UniCEUB. Por fim, agradeço aos meus amigos queridos do curso: Kamila, Bárbara, Aline, Giovanna, Simone, Malu, Ian, Lucas, Thiago.

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo avançar na reflexão acerca do campo das psicoterapias por meio do estudo de diferentes processos subjetivos que se configuram nessa prática, pensando-a por uma via dialógica que não se limita ao campo clínico tradicional e ao consultório privado. Para isso, fundamentou-se na teoria da subjetividade de González Rey, procurando pensar sobre como essa perspectiva teórica pode fazer contribuições para o campo, discutindo acerca da psicoterapia para além da sua dimensão técnica e prática, mas também analisando outros processos de carácter subjetivo que vão se implicando nesse processo. O método utilizado na pesquisa foi o método construtivo-interpretativo, baseado na Epistemologia Qualitativa de González Rey, tendo-se realizado dois estudos de caso: um de uma psicóloga psicoterapeuta, e outro de uma mulher que teve recentemente experiências com psicoterapia em sua vida. A partir dos casos, foi elaborado que, mais do que pensar o que o faz psicoterapeuta, no sentido de quais as melhores abordagens e técnicas para cada problema, é também importante pensar quem o psicoterapeuta é, e como ele configura subjetivamente sua prática. Pôde-se ver no caso Izabel sobre como ela configura subjetivamente o consultório como um espaço social de viver, mais do que um espaço clínico, isso associado a uma admirável criatividade para gerar recursos de carácter dialógico que sensivelmente mobilizam cada pessoa em sua singularidade própria. Esse caso também permitiu refletir sobre o modo como a psicoterapia é subjetivada nos diferentes espaços da sociedade, pondo em questão que representação temos da psicoterapia e, portanto, o que esperamos e fazemos dela enquanto profissionais. O caso de Julia, por sua vez, permitiu discutir acerca da importância do diálogo como um recurso fundamental para mobilizar e implicar subjetivamente a pessoa em psicoterapia. Por fim, foi também possível argumentar sobre como a psicoterapia é uma prática que vai além do consultório, na medida que importa menos qual é o espaço físico

objetivo, importando mais o modo como esse espaço toma forma na configuração subjetiva da psicoterapia.

Palavras-Chave: psicoterapia, subjetividade, estudo de caso, diálogo

Sumário

Fundamentação Teórica.....	11
Método.....	16
Epistemologia Qualitativa.....	17
Participantes.....	18
Cenário Social da Pesquisa.....	19
Análise e Construção da Informação no Método Construtivo Interpretativo.....	20
Instrumento.....	21
Análise e Construção da Informação.....	22
Caso Izabel.....	22
Eixo I - Psicoterapia, profissão e subjetividade.....	22
Eixo II - Consultório, diálogo e recursos que o psicoterapeuta mobiliza.....	25
Caso Júlia.....	30
Considerações Finais.....	35
Referências.....	37
Apêndice.....	40

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.

– Antoine de Saint-Exupéry

O campo das psicoterapias ocupa historicamente um lugar central na prática profissional do psicólogo, sendo uma área marcante desde o processo de formação acadêmica até a construção de carreira profissional. É inclusive o campo que constitui por excelência a imagem social que se tem em relação à psicologia: terapeutas com consultórios e divãs. Mas acredito ser importante ressaltar que, apesar de toda essa representatividade, trata-se contraditoriamente de um campo marcado pela indefinição (Holanda, 2012), na medida que se constituiu a partir de uma grande fragmentação de discursos e perspectivas teóricas que, à maneira religiosa, se desenvolvem de forma individual e excludente. São poucas as tentativas concretas de discussões mais amplas que promovam reflexões em relação ao campo como um todo.

Pode-se também observar que na produção de pesquisa existente acerca da psicoterapia, a maior parte dos estudos são sobre análises de intervenções específicas, e de validação da eficácia de técnicas (Andrade, 2018; Battel et al., 2015; Costa et al., 2017), sem, contudo, haver muitas pesquisas interessadas em pensar as qualidades epistemológicas e metodológicas envolvidas no processo da psicoterapia. Isso está associado a uma prática que é vista majoritariamente como uma prática profissional, e que coloca a possibilidade de pesquisa em um nível secundário (Mori, 2012).

Essa separação entre prática e pesquisa tem relação com uma compreensão epistemológica da teoria que é caracteristicamente instrumentalista, na qual a teoria fica entendida como uma construção apriorística que determina o mundo. Nessa perspectiva, a

psicoterapia acaba se tornando nada mais do que a mera operacionalização dos conceitos dessa teoria (Mori, 2020). Autores como González Rey & Mitjáns-Martinez (2017) defendem a ideia de que a teoria deve ser um sistema vivo e em processo, onde o constante choque entre teoria e realidade possibilita avançar.

Essas características expressam em alguma medida dilemas vividos não apenas no próprio campo das psicoterapias, mas na Psicologia como um todo, onde práticas ainda de orientação positivista e biomédica se tornam base para muitos pensamentos e ações do psicólogo, ainda que muitas vezes de maneira sutil e inapercebida (González Rey & Mitjáns-Martinez, 2017; Mori & Goulart, 2019). Tratam-se de lógicas por demais individualistas, que ao negligenciarem outras dimensões da existência humana – tais como as dimensões sociais, históricas e processos individuais únicos – culminam em uma prática instrumentalista e patologizante, insensível aos diversos processos que constituem o humano.

Uma reportagem do jornal britânico *The Guardian* (Burkeman, 2016), por exemplo, é interessante para se refletir acerca desse contexto atual do campo das psicoterapias. Nele, se discursa acerca da *guerra das psicoterapias* que estaria acontecendo no momento. Os combatentes dessa guerra são, de um lado, modelos de psicoterapia de caráter mais técnico, que se baseiam em evidências empíricas e perspectivas teóricas de orientação mais cognitivista e neurológica; versus, do outro lado, modelos com ênfase mais relacional, que enfocam a experiência subjetiva e o diálogo como processos fundamentais. Um embate entre uma psicoterapia das ciências da natureza e uma psicoterapia das ciências humanas (Pérez-Álvarez, 2019).

Se, por um lado, essa reportagem aponta para a forte fragmentação existente no campo, onde diferentes perspectivas lutam entre si pela soberania acerca da verdade humana;

por outro lado, é notável ainda a permanência de dilemas básicos da Psicologia, como conflitos social-individual, ciência-arte, interno-externo, biologização-psicologização. Problemas esses históricos que nem a Psicologia, nem o campo das psicoterapias, parece ter conseguido superar efetivamente. Isso fica claro na dita guerra, onde uns defendem que é apenas com modelos estatísticos e verificados empiricamente que se torna legítima a prática profissional, enquanto que outros defendem que esses métodos estatísticos têm como custo precisamente descaracterizar o fenômeno psicológico em função de padrões universais, perdendo a sensibilidade a processos pessoais, históricos e culturais.

Acredito que esses problemas do campo da psicoterapia ficam ainda mais interessantes quando se traz à tona o conceito conhecido como *o veredito do Dodô* (em inglês, *dodo verdict*). Este é um ditado que ronda desde a década de 70 para se referir à ideia de que todas as perspectivas de psicoterapia, por mais diferentes que sejam, têm efetividade parecida nos casos em geral (Luborksy et al., 2006). Esse nome, para que fique claro, vem do filme Alice no País das Maravilhas, em uma cena onde o Dodô determina que “todos venceram, todos merecem prêmios”, ao fim de uma corrida onde ele era o juiz. Significa dizer, portanto, que apesar das imensas diferenças entre perspectivas comportamentais cognitivas, psicanalíticas, humanísticas, sistêmicas... todas oferecem estatisticamente mais ou menos o mesmo grau de efetividade. Como aponta Pérez-Álvarez (2019), não significa dizer que não haja terapias mais eficientes que outras para problemas específicos, mas sim que para o contexto geral, nenhuma abordagem pode ser descartada meramente pelo argumento de ser ineficaz.

Dessa forma, abordagens como a terapia cognitivo-comportamental, cujo discurso base muitas vezes passa pelo discurso da efetividade, se vê de igual para outras

aparentemente mais simples. Não significa desmerecer nenhuma perspectiva, mas como Pérez-Álvarez (2019), chamar a atenção para o próprio fenômeno da psicoterapia. Se diferenças teóricas e técnicas forem de fato tão pouco relevantes para o processo da psicoterapia, então por que nós nos dedicamos tanto em aprofundar essas diferenças? Novamente ressalto o ponto da necessidade de discussões acerca dessa prática como um todo, em vez de uma lógica fragmentada.

A proposta dessa pesquisa, portanto, foi de procurar avançar acerca dessa discussão, e das problemáticas apontadas, a partir das contribuições da teoria da subjetividade de González Rey. Esta teoria, em uma expansão crescente nos últimos anos, possibilita reflexões muito ricas ao operar pelas lógicas da complexidade, da singularidade e da constituição mútua entre social e individual, trazendo à psicoterapia novas perspectivas de atuação a partir dos princípios epistemológicos e teóricos em questão.

É dessa forma que diversos autores dessa perspectiva teórica (González Rey, 2012; Mori & Goulart, 2017; Mori, 2019) têm feito recentemente esse esforço de significar a psicoterapia por outros caminhos, procurando pensar sobre como o estudo da subjetividade e da dimensão dialógica dos fenômenos humanos pode ser interessante para o campo. Nesse contexto, a presente pesquisa é relevante na medida que procurou aprofundar essa linha, fazendo novos estudos de caso e, portanto, investigando outros processos da subjetividade.

Ficou assim definido o *objetivo geral* da pesquisa como: compreender o valor da subjetividade e do diálogo para se pensar o contexto da psicoterapia. E como *objetivos específicos*: discutir a psicoterapia como processo subjetivado em diferentes contextos, podendo ir além do consultório tradicional; e compreender os diferentes processos subjetivos que se configuram na psicoterapia.

Fundamentação Teórica

A teoria da subjetividade (González Rey 1997, 2005, 2019) é uma perspectiva que tem como uma de suas principais propostas a superação das dicotomias que marcaram a história do pensamento psicológico, onde sociedade, cultura e história passam a ser estudados simultaneamente em um sistema complexo. Subjetividade fica entendida, portanto, não como um sinônimo de processos individuais e intrapsíquicos da vida de uma pessoa, mas como um sistema simbólico-emocional que integra diversos processos da existência humana, de modo que as múltiplas instâncias da vida tomam forma na experiência da pessoa como uma unidade qualitativa.

Esse sistema subjetivo se configura e se transforma constantemente ao longo das várias experiências do viver, mas não em uma lógica linear. Compreende-se o ser humano a partir de uma visão complexa, onde os diferentes processos de sua vida constituem-se mutuamente, mas não se convertem uns na causa direta dos outros (González Rey, 2007). Utiliza-se o conceito de *sentidos subjetivos* para se referir às unidades simbólico-emocionais em processo que constituem esse sistema. Eles “representam o momento subjetivo de toda ação humana (...) são únicos, existem no momento da ação e tem alta sensibilidade para se metamorfosear em sua relação com outros sentidos subjetivos nas configurações subjetivas em que aparecem” (González Rey, 2012, p. 56).

Organizações relativamente estáveis de sentidos subjetivos são chamadas *configurações subjetivas*. Estas têm um papel organizador no sistema subjetivo, atuando como núcleos de redes de sentidos que dão ao sistema uma certa estabilidade, mas que ainda assim são marcadamente dinâmicos e aptos à mudança (González Rey, 2019).

Outra base importante dessa teoria, e que é fundamental para se continuar discutindo acerca da perspectiva de psicoterapia da teoria da subjetividade, vem sendo a noção de *diálogo*. Fala-se em diálogo não como um mero processo de comunicação, como uma conversa, em uma perspectiva mais racionalista. González Rey (2019) se refere ao diálogo enquanto uma categoria conceitual que:

Acontece quando seus participantes são capazes de manter de forma estável produções subjetivas que se relacionam com as dos outros, seja por complementação ou por diferença, mas que, de fato, engajam reciprocamente em novos momentos qualitativos, cujo aprofundamento e desenvolvimento irão depender de um compromisso subjetivo crescente dos participantes em diálogo... (p. 30)

Então significa falar de um espaço de relações que implica as emoções dos envolvidos, em um encontro muitas vezes contraditório e tenso de diferentes processos subjetivos. Mais do que uma conversa racional e cognitiva, é uma produção conjunta simbólico-emocional. E como afirma o autor, é nessa produção conjunta, associada a um percurso muitas vezes intenso de tensões e de contradições, que se abre vias para o desenvolvimento subjetivo dos participantes que estão envolvidos, produzindo novas configurações subjetivas que reconfiguram as relações com o mundo.

Essa dinâmica de desenvolvimento e transformação associados ao diálogo pode acontecer em qualquer espaço da vida, na medida que se trata de um fenômeno humano e não de um processo meramente técnico (Anderson, 2017; Buber, 1974; Seikkula, 2017). Mas aqui a proposta é a de discutir sobre o diálogo especificamente na sua relação com a prática da psicoterapia.

A psicoterapia é vista por essa perspectiva teórica como uma prática que se orienta pelas diferentes configurações subjetivas que tomam forma e se organizam na vida da pessoa. O papel do psicoterapeuta é o de proporcionar um espaço de relações dialógicas, um espaço onde terapeuta e pessoa em terapia¹ se colocam como coparticipantes desse espaço subjetivo dialógico, objetivando favorecer o desenvolvimento de novos caminhos e alternativas frente a vida (Mori & Goulart, 2019).

Nesse cenário, o papel do psicoterapeuta é justamente o de gerar estratégias e recursos para favorecer o estabelecimento do diálogo, mas não de modo a conduzir a pessoa por caminhos pré-determinados, e também sem a pretensão de que o psicoterapeuta detém o saber maior que leva às soluções mais verdadeiras para cada situação. Mas significa, sim, que, através da relação dialógica, e de um processo construtivo-interpretativo que em muitos sentidos se iguala à prática de pesquisa, o psicoterapeuta é capaz de formular hipóteses que o auxiliem a favorecer o diálogo, a reflexão, e a favorecer que a pessoa encontre novas vias de subjetivação e desenvolvimento subjetivo, superando enfim determinadas situações de aflição e sofrimento que ela se encontrava (Mori, 2020).

Cabe ressaltar que o objetivo desta teoria não é o de simplesmente descobrir os sentidos e configurações subjetivas que envolvem a vida da pessoa. Não se trata de uma psicoterapia do descobrimento, onde se procura as “verdades” do indivíduo, como se fosse possível lhe acessar a subjetividade e a partir daí traçar estratégias de mudança (González Rey, 2007). Este posicionamento implica uma importante dimensão ética defendida por esse referencial, que é o de reconhecer o papel do indivíduo em seu próprio processo psicoterapêutico. Os sentidos subjetivos implicam uma processualidade não linear que permite “compreender a ação humana como produção da pessoa e não como uma resultante

1. Nesse trabalho, optou-se por utilizar o termo *pessoa em psicoterapia* em vez de os tradicionais *cliente e paciente*. É um compromisso de evitar as ideias mercantilistas e biomédicas desses termos.

das múltiplas influências externas que convergem e são significativas nessa produção”
(González Rey, 2012, p. 56).

Chega-se, portanto, à conclusão de que, nesta perspectiva, a teoria significa não um conjunto de saberes apriorísticos que dizem ao terapeuta como comportar-se em situações específicas, mas sim que são sistemas em processo que o auxiliam a avançar, refletir e pensar sobre a realidade (Mori, 2012). Muitas vezes, pelo mal-uso da teoria, o terapeuta se esconde atrás de um mestre fundador e de um conjunto de técnicas, e termina por menosprezar a reflexão e o verdadeiro contato com quem lhe aparece à frente (Neubern, 2012). Pelo contrário, o papel do psicólogo, como o aponta Martin-Baró (1996), deve passar pela confiança que se credita ao outro, acreditando na capacidade das pessoas de se posicionarem ativamente e gerarem novas alternativas.

Esse compromisso ético é também expresso nesse referencial teórico através da categoria de *sujeito*. O sujeito é a pessoa que é capaz de criar recursos por uma via própria de subjetivação, de modo a gerar configurações subjetivas alternativas que a permitam superar os sistemas normativos hegemônicos (González Rey & Mitjans Martínez, 2017). O sujeito, nesse sentido, apresenta um protagonismo de sua vida que se expressa de modo duradouro, sendo capaz de realizar reflexões e transformações que têm desdobramentos importantes para a sua vida. Esta categoria se difere do agente, que é aquele que se situa no devir cotidiano. Ele também toma atitudes, realiza reflexões e faz escolhas importantes, mas com a diferença de que suas tentativas de superação e de criação de novos sentidos não têm repercussões a longo prazo, de modo a não conseguir emergir à categoria de sujeito.

Ademais, a situação na qual o indivíduo não consegue abrir novos campos de subjetivação e permanece fixado em configurações subjetivas dominantes, isto é, o oposto da

condição de sujeito, é o que se entende nessa teoria por transtorno. O sofrimento aparece como resultado da fixação de configurações subjetivas associadas a emoções geradoras de sofrimento, que acabam por impedir a emergência de alternativas frente a essa realidade (González Rey, 2012). O resultado é que essa cristalização dos recursos pessoais termina por cronificar o sofrimento (Mori & Goulart, 2019), contexto esse no qual se insere a psicoterapia.

Uma consequência importante dessas ideias, e que cabe ressaltar acerca desse posicionamento teórico, é o de que essa perspectiva não adota qualquer referencial universal (tais como CID-10 e DSM-V) para definir comportamento ou outros processos, uma vez que se valoriza a singularidade e os processos subjetivos envolvidos na saúde.

Tendo apresentado essas principais propostas da teoria da subjetividade, é possível trazer mais alguns argumentos acerca do potencial dessa perspectiva para avançar em relação a alguns dos desafios da prática da psicoterapia. São eles:

Primeiro: a lógica configuracional da teoria da subjetividade permite avançar em relação a vários dos dilemas e dicotomias que o campo das psicoterapias vive, na medida que o sistema da subjetividade integra dinamicamente as várias dimensões do ser humano, havendo então a tentativa de superação de práticas individualistas e patologizantes. Ainda que, por exemplo, uma psicoterapia seja feita em um consultório, é impossível compreender processos singulares, de uma pessoa individual, sem pensar em processos de outra ordem, sociais, culturais, familiares, enfim, infinitos.

Em segundo lugar, o conceito de diálogo é um importante recurso que permite compreender a forma como a pessoa de forma singular sente as experiências de vida, sendo central no processo psicoterapêutico (Mori & Goulart, 2019). Não há psicoterapia se não

houver um espaço que proporcione a seus participantes uma expressão aberta e autêntica, em uma relação de troca e reflexão. O diálogo permite ao psicoterapeuta desenvolver diferentes ações e estratégias no decorrer da psicoterapia, sem, contudo, imprimir-lhe ideias e ações pré-concebidas que não estejam relacionadas com os próprios processos subjetivos da pessoa (Mori & Goulart, 2019).

Em terceiro lugar, a teoria da subjetividade argumenta a favor da integração entre prática profissional e pesquisa, a partir da compreensão de teoria que é não um conjunto de saberes apriorísticos que dizem ao terapeuta como comportar-se em situações específicas, mas sim que são sistemas em processo que o auxiliam a avançar, refletir e pensar sobre a realidade. Assim, a atuação profissional e psicoterapêutica demanda um processo crítico e construtivo que não se diferencia da pesquisa, dão-se mutuamente.

E finalmente o quarto argumento: a atenção às dimensões epistemológicas e metodológicas da psicoterapia, indo além da discussão meramente técnica, promove reflexões sobre o fenômeno da psicoterapia como um todo, indo na direção contrária da tendência segregadora que se estabeleceu na história desse campo.

Método

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa que faz uso do *método construtivo-interpretativo*, baseado na *Epistemologia Qualitativa* desenvolvida por González Rey (2005, 2017). Esse método foi desenhado por González Rey para se possibilitar o estudo da subjetividade, e é relevante para este trabalho na medida que permitiu pesquisar sobre a prática da psicoterapia em uma linha investigativa conforme se discutiu nas sessões anteriores desse relatório. Nas próximas páginas, faz-se um detalhamento sobre essa abordagem metodológica e epistemológica, e sobre seu uso específico nesta pesquisa.

Epistemologia Qualitativa

No sentido de problematizar o uso irrestrito do paradigma positivista, a Epistemologia Qualitativa defende uma perspectiva que valoriza que o conhecimento é construtivo interpretativo. Significa superar uma lógica instrumentalista e empirista na qual a prática de pesquisa é realizada por uma via despersonalizada e atórica, que reifica o instrumento e a técnica em lugar do importante papel do pesquisador como pessoa integrante de todo o processo (Gonzalez Rey & Mitjás, 2017). A consequência desse tipo de perspectiva é uma prática de pesquisa na qual não há qualquer, ou muito pouca, reflexão teórica e epistemológica acerca das ações metodológicas empregadas, de modo a ser reduzida a procedimentos específicos de coleta de dados.

De modo contrário, pensar a pesquisa como uma atividade construtiva-interpretativa – sendo esse o *primeiro princípio fundamental* da Epistemologia Qualitativa – significa pensar que a realidade não está pronta, esperando para ser apreendida e controlada. Pelo contrário, a realidade é multideterminada, imprevisível e irregular, de modo que o acesso do pesquisador se dá por meio de suas próprias práticas, que passam então a fazer parte dessa realidade complexa e que, enfim, o permitem construir e interpretar acerca do que vive (González Rey, 2005). O conhecimento é assim uma construção feita a partir do contato sempre parcial e limitado de um pesquisador que está implicado no mundo e não pode se separar dele, recusando-se assim a neutralidade científica em função da compreensão de que o pesquisador e o pesquisado estão sempre inevitavelmente implicados no processo de pesquisa (Fourez, 1995; Poupart, 2008).

O *segundo princípio fundamental* da Epistemologia Qualitativa é o de compreender o processo de pesquisa como um processo dialógico (Gonzalez Rey, 2005). Segundo o autor, o

diálogo é a “via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem” (González Rey, 2005, p. 13). Assim, através de um processo ativo de diálogo, onde pesquisador e pesquisado se envolvem na construção de um espaço de troca e reflexão, se possibilita o acesso à expressão simbólica de sentidos subjetivos, possibilitando o estudo da subjetividade. Por isso, é necessário dar à pessoa participante da pesquisa o lugar da fala, permitindo-a fazer parte desse espaço dialógico que, em um percurso cheio de tensões e contradições, com um sentimento genuíno de comprometimento e atenção, mobiliza tanto o pesquisador e o participante a gerarem sentidos, estabelecendo esse lugar horizontal onde ambos se encontram.

Por fim, como enuncia González Rey (2005), um *terceiro princípio* desta epistemologia é a legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico. Significa legitimar a pesquisa não pelo resultado em nível empírico e cumulativo, conforme a tradição positivista de ciência, mas sim pelo nível teórico. Ou seja, o caso singular tem valor pelas informações e ideias que surgem do caso, que contribuem para o desenvolvimento teórico e para a construção de conhecimento. Assim, a validação do caso singular se dá não pelo número de vezes que se observa o fenômeno no mundo empírico – se assim o fosse, o caso singular não teria legitimidade – mas sim pelo que representa para o modelo teórico em construção.

Participantes

A pesquisa teve como participantes duas mulheres, que foram selecionadas pelas suas respectivas experiências pessoais com a prática da psicoterapia.

A primeira participante, com o pseudônimo Izabel, é psicóloga psicoterapeuta, tem 42 anos, psicóloga de formação, casada e mãe de um filho. Atua na área da psicologia clínica há 15 anos, tendo trabalhado apenas com psicoterapia desde que se formou, e tendo preferência teórica pela abordagem da gestalt-terapia.

Foram realizados três encontros com esta participante, que aconteceram em seu consultório particular. Eles tiveram duração de aproximadamente 1 hora, e aconteciam em intervalos de 15 dias. Em todos os encontros se utilizou a dinâmica conversacional, instrumento que se encontra detalhado logo mais adiante.

A segunda participante, com o pseudônimo Julia, é uma mulher de 19 anos, estudante universitária de engenharia, filha de pais já separados e a mais nova de duas irmãs. Apesar de não ser psicóloga, passou pelo processo de psicoterapia três vezes ao longo da vida, de modo que a vez mais recente foi dentro de 6 meses.

Com a segunda participante foram realizados dois encontros. O primeiro aconteceu em um café de um shopping, e o segundo aconteceu em sua casa. Os encontros tiveram duração de aproximadamente 40 minutos, e houve um intervalo de um mês entre um encontro e outro. Por fim, os dois encontros com Julia utilizaram a dinâmica conversacional, assim como no caso de Izabel.

Cenário Social da Pesquisa

O cenário social da pesquisa se refere ao espaço social no qual se desenvolveram as primeiras relações entre pesquisador e participantes, esclarecendo-se sobre como se deu a seleção deles através do processo de estabelecimento de vínculos, que por sua vez devem sempre ser marcados pela qualidade das relações humanas (González Rey, 2005). Essa informação é importante para a pesquisa uma vez que estamos aqui estudando a

subjetividade, e, portanto, é relevante a relação que se estabelece entre pesquisador e participante.

Ressalta-se que antes de se iniciar a pesquisa, ambas as participantes concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver no Apêndice).

No caso da participante Izabel, a construção do cenário se deu através de um contato já formado anteriormente. Quando eu estava iniciando o curso, tive contato com ela através de meus pais, e na época tivemos oportunidade de conversar sobre psicologia. Por ter sido uma boa relação, entrei em contato com ela por telefone e perguntei se ela gostaria de participar da pesquisa, que por sua vez concordou. Todos os encontros da pesquisa foram marcados por um clima agradável e amigável.

No caso da participante Júlia, o contato se deu através de um amigo próximo, que é seu namorado. Tivemos oportunidade de conviver em espaços sociais comuns mediados pelo seu namorado, promovendo aproximação. Uma vez sabendo da história dela com a psicoterapia, foi feito o convite e ela aceitou participar da pesquisa.

Análise e Construção da Informação no Método Construtivo Interpretativo

Nesse método (González Rey, 2005), a análise e construção de informações é feita em um percurso investigativo que se inicia ainda quando se está em campo. De modo resumido: faz-se a construção de *indicadores*, que criam *hipóteses*, e que por sua vez se articulam em *modelos teóricos*. Ou seja, significa que a partir de aspectos qualitativos da fala e expressão do participante, o pesquisador primeiro constrói os chamados indicadores. Os indicadores são suspeitas que se levanta ao longo do processo de pesquisa, como uma contínua reflexão apoiada em fundamentos teóricos, mas ainda em um nível marcadamente hipotético. Em um momento mais avançado da pesquisa, quando já se houver criado uma certa trama de

indicadores, o pesquisador irá tratar de compreender como eles se articulam e, a partir disso, construir hipóteses. Estas são conjecturas mais maduras e fundamentadas acerca da pessoa estudada e que, com o tempo, podem se articular e acrescentar à modelos teóricos. Vale ressaltar que, nessa perspectiva, a análise e construção da informação acontecem ao longo de toda a pesquisa. Significa que nessa metodologia não há separação entre o momento de campo e momento de análise. Os dois se alimentam retroativamente ao longo de todo o processo.

Nesta pesquisa, a análise está apresentada na sessão de “Análise e Construção da Informação”, que tipicamente seria conhecida como “Resultados e Discussão”. Lá estão apresentados os estudos de caso das duas participantes da pesquisa.

Instrumento

Neste trabalho, se considera instrumento como, nas palavras de González Rey (2005), “toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa” (p. 42). Significa pensar o instrumento como uma via pela qual se estimula e provoca o participante, abrindo caminhos para a sua expressão legítima e sentida, de modo a estimular uma produção de fato, e não apenas respostas pontuais.

Neste trabalho fez-se uso de um único instrumento, *a dinâmica conversacional*. Segundo González Rey (2005), este instrumento se refere a um momento de conversação dialógica no qual se busca criar um espaço que favoreça ao participante alcançar campos significativos de sua vida. É importante observar que a dinâmica conversacional se diferencia da entrevista quando esta é entendida como uma atividade de perguntas e respostas. A dinâmica conversacional implica de fato uma prática de viver, onde seus participantes constroem um espaço social marcado por uma construção simbólico-emocional conjunta.

Esse diálogo, se por um lado está orientado aos objetivos de pesquisa, por outro estes não funcionam como camisas de força. Servem ao pesquisador como um horizonte que o auxilia a avançar no campo, sem, contudo, se fechar às infinitas possibilidades que a vivência de pesquisa proporciona.

Dessa forma, na presente pesquisa, todos os encontros com os participantes foram encontros de dinâmica conversacional, sendo conduzidos de modo a investigar as questões referentes à psicoterapia, mas também abrindo-se espaço para se pensar sobre aspectos mais amplos de cada participante, na medida que se entende que não há como estudar a subjetividade sem pensar os processos de vida de cada pessoa.

Análise e Construção da Informação

Esta sessão foi dividida em duas partes, a fim abarcar a análise dos dois casos (Izabel e Julia). O caso Izabel foi subsequentemente separado em dois eixos temáticos, sendo eles: “psicoterapia, profissão e subjetividade”; e “consultório, diálogo e recursos que o psicoterapeuta mobiliza”. Os eixos temáticos foram escolhidos de acordo com a relevância dos temas para a presente pesquisa.

Caso Izabel

Eixo I - Psicoterapia, profissão e subjetividade

Este eixo temático tem como objetivo refletir acerca do modo como Izabel configura subjetivamente a prática da psicoterapia, e quais os desdobramentos disso para profissão da psicologia. A investigação acerca desse eixo se iniciou logo que tivemos o primeiro contato, quando tivemos a seguinte conversa:

Pesquisador: Bom Izabel, eu queria começar falando sobre sua vida mesmo, sua trajetória...

Izabel: Minha história dentro da minha formação? Como terapeuta...?

Pesquisador: Podemos falar até antes, onde você nasceu... começar talvez mais atrás?

Izabel: Eu nasci em Brasília. Sou filha de nordestino com goiano. Uma mistura muito boa. Eu comecei a fazer faculdade de psicologia... é... ela não era um sonho muito claro pra mim. Eu sempre fui identificada pelas pessoas como alguém que ajuda bem, que sabia ouvir, que sabia conversar, que sabia estar com as pessoas. Na época, claro, não tinha essa compreensão de que isso era uma habilidade dentro do campo terapêutico muito importante. Ouvir pessoas, estar com pessoas, acolher.

Já nesse primeiro momento, me chama atenção a forma como Izabel fala de sua história, associando a sua formação na psicologia com a ideia de ajudar, conversar e acolher. Se, por um lado, podemos produzir um indicador de valorização das relações humanas, na medida que o primeiro aspecto que ela levanta em relação à atuação profissional são importantes qualidades da forma de se relacionar; por outro lado, também o indicador de uma representação histórica que se tem em relação à psicologia, que é a do psicólogo conselheiro, que conversa, que ajuda. É a ideia de que o psicólogo é aquele que está disponível para oferecer lições, sabedoria e escuta, aquele que presta auxílios, resolve problemas e dá conselhos, estando associada com processos da subjetividade social do nosso país e do papel social que a profissão desempenha. Nesse ponto, eu destaco a importância de se falar desses diferentes processos para se pensar a profissão e a prática do Psicólogo. Mais do que definida por atribuições objetivas, pensar a profissão é pensar também no modo como ela é subjetivada nos diferentes espaços da sociedade (Mori, 2012).

Em um outro momento, perguntei-a mais especificamente sobre essa questão, quando falávamos sobre o seu processo de decisão profissional durante a adolescência:

Pesquisador: E então juntou essa ideia que você tinha de ajudar, de ouvir... e aí tudo encaixou?

Izabel: Essa ideia de ajudar e de ouvir não era clara. As pessoas falavam que eu era boa nisso, que eu tinha essa habilidade, mas até então eu não reconhecia isso como uma coisa importante. Foi no percurso de me tornar terapeuta que eu fui lapidando e trabalhando esse ponto de vista.

Novamente Izabel faz essa associação, e agora de modo mais direto, de que talvez a característica mais fundamental do psicoterapeuta é a postura de orientador atento e zeloso. Não quero dizer que não é importante no contexto da psicoterapia ser capaz de ouvir e conversar, quando na verdade é claramente fundamental. Mas, primeiro, é importante notar que essas são características importantes para qualquer contexto da vida humana, para qualquer lugar onde se preze pela qualidade das relações, seja o professor, o médico, o líder religioso, o assistente social. O que essa discussão nos convida a notar é a olhar mais atentamente para a representação que se tem da própria psicoterapia, e, portanto, o que esperamos e fazemos dela.

Se nosso papel for o do conselheiro, então o que nos diferencia de outras modalidades profissionais? Isso se torna especialmente importante em tempos de coaching, e até mesmo da prática do Counselling feita em países estrangeiros, onde invariavelmente muitas vezes há fronteiras nebulosas em relação à psicoterapia. Quer dizer, esses profissionais têm também um nível de reflexão acerca da vida humana, do desenvolvimento, das relações. Muitos deles têm muitos anos de experiência em escuta e diálogo, e em sua carreira podem contar sobre

vários casos de sucesso que os trazem orgulho – tudo isso sem uma formação formal em psicologia. Essa angustiante dificuldade de diferenciação, que acredito atravessa a psicologia também em várias outras áreas, novamente reflete a indefinição do campo das psicoterapias (Holanda, 2012).

Eixo II - Consultório, diálogo e recursos que o psicoterapeuta mobiliza

O objetivo deste eixo temático é discutir o modo como o consultório é subjetivado por Izabel, e quais os desdobramentos disso para a produção de diálogo durante o processo de psicoterapia. Meu interesse por essa linha de investigação se iniciou tão logo entrei em seu consultório pela primeira vez, quando me chamou atenção a forma como ele estava organizado: o consultório era exatamente como uma sala de estar. Em vez de duas poltronas opostas, havia um único sofá em “L” onde sentávamos como em um intermediário entre frente a frente e lado a lado. Junto ao sofá, havia uma mesa de centro com porta-copos para se colocar xícaras de café e chá. Nas paredes, pinturas e outras decorações.

Em um determinado momento da pesquisa tivemos oportunidade de conversar sobre esse assunto, quando a perguntei diretamente sobre a questão:

Pesquisador: Aqui nesse consultório eu sinto que tem uma sensação muito caseira né. A ideia de ser quase que uma sala de estar...

Izabel: Sim... o sofá grande. Ofereço café. Vamos à janela apreciar o pôr do sol, que dá pra ver daqui, e é lindo lindo lindo. Às vezes está chovendo e a pessoa quer ir à janela ver a chuva. Daí da chuva às vezes vem uma questão que ela lembra de algo, e aí começa a terapia... E lá no meu outro consultório² é bem frio, aquele porcelanato branco, poltrona branca.

2. Izabel possui dois consultórios, em localidades diferentes. Algumas pessoas ela atende em um, outras pessoas ela atende no outro. Aqui ela se refere a esse outro consultório, que não era o que estávamos naquele momento.

Izabel tem explicitamente uma preocupação com a forma como o consultório é montado, inclusive diferenciando o seu consultório “caseiro” – onde estávamos durante a pesquisa – do outro consultório “mais frio” que ela usa ocasionalmente, deixando clara a sua preocupação em oferecer café, apreciar o pôr do sol, como um lugar de fato acolhedor e afetuoso. Isso me leva à produção de um indicador acerca do modo como ela configura subjetivamente a vivência dela nesse espaço, no sentido de compreender o consultório como um espaço social que é destinado ao viver, e que portanto ao ser caseiro e acolhedor não se diferencia muito da casa de cada um, por exemplo. Cabe notar que novamente se coloca em jogo a representação que se tem de psicoterapia, em que se dá mais ênfase à dimensão da relação, da vivência conjunta, do que a mera atividade técnica e intervencionista.

Em outro momento, Izabel elabora mais sobre essa questão da diferença que sente entre os seus dois consultórios:

Izabel: Algumas pessoas eu atendo aqui [no consultório que ocorreu a pesquisa], outras eu atendo lá [no outro consultório]. O consultório lá é um ambiente mais frio eu acho. É mais parecido com o ambiente médico-hospitalar, tem as poltronas, mas são duas individuais uma de frente pra outra, com mesinha do lado. E duas das pessoas que eu atendo lá, eu já atendi em outros consultórios diferentes. E eu já percebi mudança do jeito delas estar em terapia quando mudava o consultório.

Reforçando o indicador construído anteriormente, esse trecho indica que a própria Izabel não se sente bem no consultório da Asa Norte, na medida que, pensando por esta linha hipotética, o aspecto médico-hospitalar “frio” não se ajusta bem à dinâmica do consultório como um espaço social dialógico, e portanto nem ao modo como Izabel configura subjetivamente essa prática. É também interessante notar as implicações disso para o próprio

processo de psicoterapia a ser desenvolvida, onde é possível observar, como Izabel aponta, diferença no modo de estar das mesmas pessoas se atendidas em um consultório ou outro. Isto é, uma mesma pessoa que ela atendeu no consultório da Asa Norte, quando atendida no consultório mais aconchegante sentiu diferença significativa, tendo, pressupõe-se, maior facilidade de expressão e reflexão.

Pode-se pensar que um ambiente que culturalmente é entendido como caseiro, afável e confortável tenderia a favorecer a expressão da pessoa em psicoterapia. Isso pode fazer sentido, mas é importante ressaltar que a objetividade de um espaço físico como o consultório nunca será absolutamente determinante para a experiência daqueles que o ocupam – a aparência de sala de estar não será mobilizadora para todos, na medida que importa mais o modo como esse espaço objetivo é subjetivado dentro do processo terapêutico.

Argumento, portanto, que a mudança no modo de estar de Izabel e das pessoas em psicoterapia se deve não apenas à ideia de que “é mais fácil conversar em um ambiente caseiro”, mas sim pelo próprio modo como essa materialidade do consultório toma forma na configuração subjetiva da psicoterapia, e portanto pelas implicações que tem para o desenvolvimento do processo dialógico em questão. Permite-se então pensar que importa menos como é o consultório é em si, importando mais a forma como esse elemento objetivo se articula à configuração da vivência por seus participantes.

Nesse momento, acredito que falar em uma configuração subjetiva da psicoterapia seja interessante, pois permite integrar dinamicamente esses vários processos de diversas ordens – como o ambiente físico do consultório, a cultura do Brasil, a subjetividade social da profissão, as subjetividades individuais dos participantes – de modo a se permitir pensar a

prática da psicoterapia em uma dinâmica complexa que não reifica de maneira absoluta nenhum de seus processos constituintes.

Continuando as reflexões sobre o caso de Izabel, a seguinte fala surgiu quando conversávamos sobre o dia a dia dela como psicoterapeuta, explorando as estratégias que ela usa durante as sessões:

Izabel: Às vezes surge trabalhos com qualquer objeto que tem no consultório. Faço muito trabalho projetivo, às vezes a pessoa está se queixando de pessoas da família... Contando situações... E às vezes eu peço: olha para esse ambiente, circula nele, e pega qualquer objeto que representa sua mãe. Aí a partir do objeto que escolher a gente vai trabalhar o significado. Se pegou uma borracha, vamos tentar entender o que significa isso, e dali vamos trabalhando outras coisas.

A partir desse trecho podemos pensar que, além de tudo, Izabel também expressa criatividade na forma como usa o consultório. Acredito que isso seja interessante para se refletir sobre a questão do diálogo no contexto da psicoterapia. Quer dizer, se considerarmos o papel do psicoterapeuta como aquele que produz estratégias que visem favorecer o diálogo, e assim favorecer o desenvolvimento da pessoa em psicoterapia, Izabel em alguma medida expressa bem essa perspectiva. A partir de limitados elementos objetivos do consultório, ela desenvolve criativamente infinitas possibilidades de diálogo que se articulam diferentemente com cada pessoa, mobilizando-as à reflexão. Podemos ver outro exemplo disso neste trecho:

Izabel: Por exemplo essa bola de pilates. Hoje eu atendi um rapaz que tem muito problema em confiar na vida. Ele tá sempre procurando adoecimento no corpo. E da semana passada pra cá ele travou a coluna. Eu sugeri de fazer a consulta de hoje sentado na bola. Isso já resultou em uma abertura dele pra algo que eu estava

trabalhando com ele. Ele passou uma situação de um trauma, acha que adoeceu, e aí está de peregrinação de médico em médico, procurando um adoecimento que nenhum exame mostra. E aí nós fizemos mais ou menos meia hora de sessão na bola. Eu fiquei no sofá e ele nela. Ele já movimentou um pouco mais o corpo, a coluna, e observei como que é o comportamento do corpo dele na bola. Eu percebi o quadril travado, a rigidez no corpo, que eu vejo que também está presente na vida dele, na forma como ele se relaciona, no trabalho dele, com a história dele.

Novamente Izabel expressa admirável criatividade na criação de recursos, sendo capaz de provocar e mobilizar o outro a partir da percepção sensível do que ele vive e sente. Mais do que estratégias padronizadas, em que apenas se aplica a qualquer pessoa de modo instrumentalista, Izabel desenvolve estratégias construídas sensivelmente a cada caso, fruto da criatividade e da capacidade de reconhecer o que é importante para o outro em cada momento.

A essa altura, pode-se criar uma hipótese mais sólida acerca da configuração subjetiva de Izabel em relação à psicoterapia e ao consultório. Ela é alguém que preza pela qualidade das relações, fazendo do consultório um contexto físico que possibilita a criação de um espaço social de vida. Através de grande criatividade, emprega diferentes recursos que sinalizam uma compreensão de psicoterapia marcada pela relação humana, mais do que meramente o emprego reducionista de técnicas apriorísticas.

Em conclusão deste eixo temático, um possível desdobramento das reflexões desenvolvidas é a possibilidade de avançar em relação à perspectiva de psicoterapia como uma prática exclusiva de consultório, na medida que se entende que o que importa não é o consultório em si, mas a maneira como o espaço físico indeterminado se configura

subjetivamente à psicoterapia. Significa que qualquer lugar pode ser adequado, desde que obviamente cumpra requisitos éticos fundamentais como o sigilo. E cabe ressaltar: ainda que a psicoterapia se dê entre quatro paredes, essas paredes se estendem ao infinito, pois cada um de seus elementos objetivos pode ser subjetivado diferentemente.

Mas isso demanda importantes capacidades de sensibilidade e criatividade do psicoterapeuta, que através de um processo constante de construção e reflexão pessoal consegue de alguma maneira favorecer o diálogo e o desenvolvimento.

Caso Júlia

Júlia é uma mulher de 19 anos, natural de Brasília, filha de pais já separados. Tem duas irmãs, sendo ela a mais nova. Sua principal ocupação atual é a sua graduação, cursando engenharia em uma universidade, mas sem ainda trabalhar ou estagiar. A separação dos pais e este curso de engenharia foram algumas das razões que a levaram à terapia ao longo da vida, tendo passado pelo processo psicoterapêutico em três ocasiões diferentes, uma na infância, outra no meio da adolescência, e outra mais recente aos 18 anos de idade.

No nosso encontro, Julia iniciou comentando sobre suas duas primeiras experiências com psicoterapia, a da infância e da adolescência. Nesse processo, tive dificuldades como pesquisador em explorar outros aspectos relevantes da vida de Julia, de modo que tudo que ela falava sobre sua história sempre estava de modo ou de outro ligado ao tema da psicoterapia. Por outro lado, pode-se também pensar em como esse tema pode ter de fato adquirido uma centralidade em sua vida, indicador que é reforçado pelo modo como foi construído o cenário social da pesquisa, onde o namorado de Julia já me recomendou fazer a pesquisa com ela pois ele lembrava de seu histórico com as psicoterapias.

Quando perguntada acerca da razão de ter buscado os atendimentos ao longo da vida, Julia respondeu com a seguinte fala:

Julia: Minha família tem um monte de problema psicológico, genético, sabe? Tanto a família do meu pai quando da minha mãe tem vários problemas de depressão. Por isso minha mãe sempre se preocupou comigo, me levando a psicólogos e tal. E assim, eu sou uma pessoa muito desesperada com as coisas. Eu gosto de resolver bem as coisas, e quando não consigo eu desespero. Por isso minha mãe achava que quando eu crescesse isso ia ser ruim pra mim, sabe.

Torna-se interessante, portanto, perguntar: o que a psicoterapia representa para a vida de Julia? Pelo trecho anterior pode-se criar o indicador de que essa prática foi se configurando subjetivamente pelas relações com a mãe e com a família. Uma família considerada adoecida, e uma mãe que se preocupa com potenciais riscos de adoecimento da filha. A psicoterapia vai então assumindo um lugar na vida de Julia que tem a ver não apenas com o que essa prática representa objetivamente na prática, mas também com as suas relações na vida, com diferentes processos da configuração subjetiva familiar e com as compreensões acerca do que seja saúde e doença. Parece beirar uma representação determinista pela qual os processos de sofrimento familiar são resultado de uma predisposição genética que ignora outros processos correntes da vida.

Falando agora sobre a experiência que teve durante a fase da adolescência:

Julia: Meus pais se separaram quando eu era adolescente, e já fui em psicóloga por causa disso, porque os meus pais sempre acharam que seria um grande problema pra mim. Mas eu do fundo do coração prefiro assim, do que os dois juntos sendo horríveis. No geral, quando se vai no psicólogo e eles perguntam sobre os pais, aí ela

vai e responde que são separados, aí o psicólogo já fala ‘nossa e como você se sente sobre isso!?’ . E eu respondi ‘então, eu tô bem, não é um grande problema da minha vida’. Era sempre uma coisa de ‘ah, fale sobre seus sentimentos’, mas eu nunca acabava falando do que eu realmente queria falar, então eu ficava ‘ah, não sei por que eu tô aqui... se for pra falar sobre o divórcio dos meus pais, uma coisa que eu acho que sou resolvida, então não quero vir’... Então acho que fiquei no máximo uns 6 meses indo”.

Podemos pensar que mesmo diante da configuração subjetiva familiar acerca da saúde e do risco de adoecimento, e da relativa centralidade que a psicoterapia parece ocupar em sua vida, Julia não viu essa prática como necessária, de modo que independentemente de como a psicóloga atuava efetivamente, a experiência que marcou Julia foi a de uma terapeuta insensível às suas necessidades reais, como se ela houvesse se tornado cega pela demanda trazida pela mãe. Isso indica uma atuação profissional que não foi capaz de se sensibilizar aos diferentes processos vividos naquele momento por Julia, ou que minimamente não foi capaz de criar condições favoráveis para uma vinculação dialógica.

Julia: Quando era adolescente eu não gostava, era só sobre os meus pais. Ou então era no máximo ‘como foi seu dia na escola?’. O que eu mais gostava era quando eu conversava aleatoriamente sobre o que eu quero. Quando ela ficava direcionando as conversas, eu achava que não fazia sentido. E ela nunca lembrava das coisas. Por isso que eu acho que não gostava tanto. Não gostava de ir pra falar de uma coisa que eu sentia que não estava mudando em mim.”

Diante então de uma história de família de muito adoecimento, com pais com muita preocupação sobre a saúde mental da filha, como isso se expressa em sua vida? Ia para as

terapias quando criança e adolescente, mas não se envolvia. Pode ser que isso tenha a ver com características típicas de cada fase, mas pode também expressar a importância do diálogo, ou o papel do diálogo de articulação entre uma história de vida e o desenvolvimento. Significa pensar que psicoterapia demanda um tipo de implicação subjetiva.

Por mais extremas que as situações materiais possam ser, o sofrimento é sempre resultado de como a pessoa singular vive aquela experiência. Na psicoterapia, não basta que uma outra pessoa diga pela Julia que ela deveria sofrer e que precisa de ajuda clínica. Pode-se mesmo pensar que Julia estabelece em certa medida uma atitude de autonomia e crítica frente às condições históricas de sua família e seus pais. Na psicoterapia, isso se configurava como uma obrigação que não tecia vínculos significativos com seus processos específicos de vida.

Pesquisador: o que acha de falarmos sobre a última terapeuta que teve? Queria saber de você sobre como foi essa última experiência que teve na psicoterapia, Julia.

Julia: eu fiz terapia com uma outra psicóloga ano passado. Eu tinha entrado na faculdade, no segundo semestre, estava muito estressada, teve uma época que eu parei de comer, só perdi a vontade, foi muito ruim. Mas lembro que comecei a me envolver mais com a psicóloga e nossa, eu gosto muito dela. Como pessoa mesmo. Porque ela era mais ou menos igual a gente assim sabe, antes de começar a terapia. Eu chegava na casa dela, e a gente tomava chá. Depois a gente sentava e conversava. Eu achava muito mais legal sabe, ao invés de chegar no consultório, você senta, aí a pessoa fica ali e você fica desconfortável...

A experiência com essa última psicoterapeuta é interessante para essa pesquisa, pois se no caso Izabel pude discutir a questão do diálogo a partir da perspectiva da psicoterapeuta,

agora, coincidentemente, podemos pensar sobre isso pela perspectiva da pessoa em psicoterapia, e o que isso representa para a vida dessa pessoa em questão.

Nessa última experiência, dois processos passam a favorecer a experiência. Primeiramente, dessa vez é Julia quem busca a psicoterapia, a queixa é dela, e tem a ver com uma implicação pessoal de suas questões e sofrimentos, em vez de uma queixa própria da mãe. Em segundo lugar, a psicoterapeuta agora apresenta indicadores de uma profissional sensível e atenta a esses processos, interessada na qualidade da relação que ali se desenvolvia. Interessante até a forma como Julia menciona, que mais do que gostar da psicoterapeuta, *gosta dela como pessoa*. Porque psicoterapeutas não são seres extraterrestres que já superaram a humanidade, são também pessoas.

Continuando a fala de Julia sobre essa última experiência:

Pesquisador: a demanda que você tinha quando você entrou, como você se sente sobre ela?

Julia: Senti que melhorei muito. Por isso também que acho que ela foi a melhor psicóloga que já tive, porque foi bom pra eu me abrir mais, tanto na terapia quando na vida - porque eu era bem fechada. Na vida, quando você não quer falar em algum lugar, é porque você sente que as pessoas vão te julgar, então se você já sente que isso não acontece, com sua psicóloga, sua tia, isso já facilita muito o jeito de falar.

Fica, portanto, explícita a maneira como o diálogo foi um recurso fundamental na psicoterapia para se favorecer uma implicação subjetiva de Julia e, mais do que isso, para que ela se mobilizasse e começasse a buscar transformações significativas em sua vida e na sua maneira de se relacionar com as pessoas, gerando desdobramentos subjetivos aparentemente duradouros.

É um caso que permite questionar a atuação do psicoterapeuta como uma atuação técnica que de maneira universalizante ignora a dimensão da subjetividade e do diálogo de quem participa. Esse outro tipo de atenção, que a última psicoterapeuta serve de exemplo, é mais do que meramente se preocupar em ser conversador, bom de papo, mas de ser capaz de encontrar caminhos para mobilizar o outro no que lhe é mais íntimo, encontrando novos caminhos de vida.

Considerações Finais

Os objetivos deste trabalho envolveram principalmente compreender o valor da subjetividade e do diálogo para se pensar o contexto da psicoterapia, de modo a se fazer contribuições para o campo das psicoterapias a partir das perspectivas teóricas e metodológicas desenvolvidas por González Rey. Foi possível avançar sobre esses objetivos através dos dois estudos de caso realizados, que abriram campo para a discussão e problematização de diversos aspectos concernentes à prática da psicoterapia.

O caso de Izabel, primeiramente, permitiu desenvolver reflexões acerca da psicoterapia enquanto um campo profissional e científico da Psicologia, compreendendo a importância de se refletir acerca do que ele representa para o psicoterapeuta e para a psicologia enquanto área profissional. Significa que mais do que o psicoterapeuta efetivamente faz, mais do que as técnicas e procedimentos que ele emprega, é também fundamental pensar quem o psicoterapeuta é, e, portanto, como ele significa sua prática. Isso de alguma maneira subverte a tradição de pesquisa nesse campo, que em geral se concentra em estudar os meios pelos quais se efetiva a terapia, seja por estudos de eficácia, desenvolvimento de técnicas, ou desenvolvimentos teóricos. Diferentemente, argumenta-se pela ideia de se estudar *quem* é aquele que efetiva a psicoterapia.

Nesse contexto, a teoria da subjetividade tem grande valor, na medida que possibilita o estudo desse fenômeno qualitativamente distinto que chamamos de subjetividade, e que pela sua forma de definição, possibilita-se pensar como na prática objetiva se articulam vários outros processos às vezes de menor visibilidade, mas que fazem parte dessa trama complexa.

O caso de Izabel também permitiu pensar sobre o caráter não estritamente objetivo do consultório, que pode ser visto como mais um dos elementos que configuram subjetivamente o processo da psicoterapia, e que, portanto, pode ser percebido de infinitas formas. Isso se constituiu como mais um possível argumento para se avançar na ideia de psicoterapia como uma prática privativa de consultório, ou de ser uma prática estritamente clínica no sentido tradicional.

O caso de Julia, por sua vez, possibilitou pensar sobre como a psicoterapia se configura em uma história de vida, não podendo em seu caso ser isolada de processos da subjetividade familiar e da sua subjetividade individual, que vão se articulando e tensionando continuamente. Pude discutir sobre como no caso de Julia, o diálogo se apresentou como um recurso fundamental que, mais do que meramente um tipo de conversa, é um processo que sensivelmente mobiliza processos subjetivos da pessoa em psicoterapia, promovendo mudanças que são de uma vida e que se refletem em outros espaços.

Por fim, argumento que os avanços obtidos nesta pesquisa permitem refletir acerca de processos que envolvem o campo das psicoterapias de um modo geral, sem se reduzir à concepção fragmentada existente nessa área que separa as abordagens à maneira religiosa. Significa que mesmo que a pesquisa tenha sido feita por uma perspectiva teórica específica – o que é epistemologicamente inevitável de qualquer maneira – suas contribuições não precisaram se destinar apenas a um determinado grupo ou perspectiva.

Referências

- Anderson, H. (2017). Diálogo: pessoas criando significados umas com as outras e encontrando maneiras de continuar. Em A. Grandesso, *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações* (pp. 91-105). Curitiba: Ed. CRV.
- Andrade, J. M. da S. (2018). A psicoterapia como atividade de trabalho no Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25653>
- Battel, L. F., Knapp, P., Kieling, C. C., & Beck, A. T. (2015). O que os psicoterapeutas fazem na prática? Uma revisão sistemática e metarregressão de pesquisas sobre orientações teóricas predominantes. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/139951>
- Buber, M. (1974). *Eu e tu*. Campinas: Centauro.
- Burkeman, O. (2016). Psychoterapy wars: the revenge of Freud. Retirado de <<https://www.theguardian.com/science/2016/jan/07/therapy-wars-revenge-of-freud-cognitive-behavioural-therapy>>, acesso em 03/06/2020.
- Costa, C. B. da, Delatorre, M. Z., Wagner, A., Mosmann, C. P., Costa, C. B. da, Delatorre, M. Z., ... Mosmann, C. P. (2017). Terapia de Casal e Estratégias de Resolução de Conflito: Uma Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 208–223. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000622016>
- González Rey, F. (1997) *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC.
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson.

- González Rey, F. (2007). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. (2012). Sentidos subjetivos, linguagem e sujeito: implicações epistemológicas de uma perspectiva pós-racionalista em psicoterapia. Em Holanda, A. *O campo das psicoterapias: reflexões atuais* (pp 47-70). Paraná: Juruá Editora.
- González Rey, F., & Mitjáns Matínez, A. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Campinas: Alínea.
- González Rey, F. (2019). A Epistemologia Qualitativa 20 anos depois. Em González Rey, Mitjáns-Matínez & Puentes (Org.), *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde* (pp. 21-46). Uberlândia: EDUFU.
- Holanda, A. (2012). Reflexões sobre o campo das psicoterapias: do esquecimento aos desafios contemporâneos. Em A. Holanda, *O campo das psicoterapias: reflexões atuais* (pp. 71-100). Paraná: Juruá Editora.
- Luborsky L., Rosenthal R., Diguer L., Andrusyna T.P., Berman J.S., Levitt J.T., Seligman D.A. & Krause E.D., (2002). The Dodo bird verdict is alive and well – mostly. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 9(1), 2-12.
- Martin-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de psicologia*, 2(1), 7-27.
- Mori, V. D. (2012). Os sentidos subjetivos de ser psicoterapeuta: a aprendizagem em um estágio supervisionado. Em: Albertina Mitjáns Martinez, Beatriz Judith Lima Scoz, Maria Irene Siqueira Castanho. (Org.). *Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco*. Brasília: Liber livro Editora, p. 203-218

- Mori, V. D. (2019). A psicoterapia na perspectiva da Teoria da Subjetividade: a prática e pesquisa como processos que se constituem mutuamente. Em González Rey, Mitjáns-Matínez & Puentes (Org.), *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde* (pp. 183-202). Uberlândia: EDUFU.
- Mori, V. D. (2020). Reflection on the value of the theory of subjectivity to signify the practice of psychotherapy. *Studies in Psychology*, 41(1), 182-202.
- Mori, V. D. & Goulart, D. M. (2019). Subject and subjectivity within psychotherapy: a case study. Em: Fernando Gonzalez Rey, Albertina Mitjáns Martinez & Daniel Magalhaes Goulart (Eds.). *Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research*. Singapore: Springer.
- Neubern, M. (2012) Ensaio sobre a cegueira de Édipo: sobre psicoterapia, política e conhecimento. Em: Holanda, A. *O campo das psicoterapias: reflexões atuais*. Paraná, Juruá Editora, p. 13-45
- Pérez-Àlvarez, M. (2019). Psychotherapy as a human science, more than a technological one. *Papeles del Psicólogo*, 40(1), 1-14.
- Poupart, J. (2008). A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. Em J. Poupart, J. Deslauriers, L. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & A. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 215-248). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Seikkula, J. (2017). Tornando-se dialógico: psicoterapia ou modo de vida? Em A. Grandesso, *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações* (pp. 33-54). Curitiba: Ed. CRV.

Apêndice

TCLE

Psicoterapia e diálogo como processos subjetivos: um estudo qualitativo

Instituição dos(as) pesquisadores(as): UniCEUB

Pesquisador(a) responsável [professor(a) orientador(a), graduado(a)]: Valéria Deusdará Mori

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]: Bruno Reis Bernardo Cobucci

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é estudar sobre a psicoterapia e sua dimensão dialógica.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por estar em psicoterapia / ser um psicoterapeuta.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de conversas que visam discutir sua experiência com a psicoterapia.
- O procedimento será o de realizar dois a quatro encontros em um local que considere agradável, onde serão feitas as dinâmicas conversacionais.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- Em caso de gravação, filmagem, fotos, explicitar a realização desses procedimentos.
- A pesquisa será realizada no local que o participante considerar adequado, por exemplo o próprio UniCEUB, um café, um shopping etc.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui risco mínimo, que são inerentes do procedimento de dinâmica conversacional.
- Medidas preventivas durante as conversas serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo, tais como se procurará evitar assuntos que você considere delicados demais, procurando centrar no próprio processo da psicoterapia.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre a psicoterapia e suas relações com diálogo e subjetividade.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.

- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (fitas, entrevistas etc) ficará guardado sob a responsabilidade de Valéria Deusdará Mori com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Valéria Deusdará Mori, celular (61) 9 9153-6857

Bruno Reis Bernardo Cobucci, (61) 9 9321-0404 / brunocobucci22@outlook.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: UniCEUB

Endereço: SHIS QI 5 CONJUNTO 14 SETOR DE HABITAÇÕES INDIVIDUAIS SUL

Bloco: /Nº: /Complemento: Casa 2

Bairro: /CEP/Cidade: 71615140 - Lago Sul (DF)

Telefones p/contato: (61) 9 9153-6857